

Estética da sensibilidade infantil em *Contos de cães e maus lobos*

Aesthetics of Childhood Sensibility in Contos de cães e maus lobos

Anita de Melo

Universidade da Cidade do Cabo (UCT)

Cidade do Cabo | ZAF

anita.demelo@uct.ac.za

<https://orcid.org/0000-0002-8381-1575>

Resumo: O presente artigo é uma reflexão acerca das relações afetivas e de cuidado que crianças demonstram para com animais não humanos na coletânea *Contos de cães e maus lobos* (2019), de Valter Hugo Mãe. Buscando suporte teórico nos estudos interdisciplinares acerca da criança e da infância, contempla-se que o autor desenvolve as suas narrativas nesta coletânea a partir de uma estética da sensibilidade infantil que é reveladora de certos aspectos distintivos do seu projeto literário. De um lado, as narrativas da coletânea desestabilizam concepções tradicionais acerca da criança, o que sugere uma visão particularmente auspiciosa do autor em relação à infância; de outro, esses contos inserem a obra de Mãe em textualidades emergentes outras-mais-que-humanas, posto que põem em questão o pensamento antropocêntrico.

Palavras-chave: literatura portuguesa; Valter Hugo Mãe; estudos da infância; representação das interações criança-animal.

Abstract: This article reflects on children's affection and acts of care towards non-human animals in Valter Hugo Mãe's *Contos de cães e maus lobos* (2019). Drawing theoretical support from interdisciplinary studies on children and childhood, I suggest that in this collection of short stories, the author develops an aesthetic of child sensitivity that reveals distinctive aspects of his literary project. On the one hand, these narratives destabilize traditional conceptions about children, which suggests a particularly auspicious vision the author has regarding



childhood; on the other hand, these stories insert Mãe's work into emerging more-than-human textualities, as they question the anthropocentric thought.

Keywords: Portuguese literature; Valter Hugo Mãe; childhood studies; representation of children-animal interactions.

"Seduzem-me muito as visões, em plural, da infância, os relatos vindos especialmente da memória e da imaginação".

(Walter Oman Kohan)

Reflexões iniciais

A obra de Valter Hugo Mãe revela acentuado interesse pelo tema da infância. Fala-se aqui da sua obra destinada ao público adulto, e não necessariamente dos seus livros pertencentes à literatura infantil. Sandra Dinter (2019, p. 235) observa que na literatura inglesa há lacunas significativas na pesquisa acadêmica acerca da ficção para adultos que se preocupa com a infância. O mesmo se pode dizer da pesquisa sobre a literatura em língua portuguesa. Foge ao escopo deste artigo tratar deste tema em particular; apontamo-lo, entretanto, porque a significância da presença de crianças-protagonistas na literatura para adultos de Mãe – como por exemplo nas obras: *O nosso reino* (2006), *O filho de mil homens* (2011), *A desumanização* (2013) e mais recentemente *Deus na escuridão* (2024) – é um dos fios condutores fundamentais para a discussão que aqui se pretende. Em *Contra mim* (2020), livro autobiográfico, o autor confessa que "[E]stamos sempre à procura das nossas grandes crianças. Essas que começámos por ser e que se tornam paulatinamente inacessíveis, como irreais e até proibidas" (Mãe, 2019, p. 19). Com isto, o que se pretende, sugerido por Mãe, não é uma regressão ao estágio infantil nem uma romantização da infância, mas, e ecoando em certa medida o pensamento de Deleuze e Guattari, um movimento em direção ao devir-criança, no sentido de permitir explorar a criatividade humana conforme a criança o faz, sem restrições (Deleuze; Guattari, 2013, p. 164). Pedro Belo Clara (2016) no *blog Letras in.verso e re.verso* aponta que "Valter Hugo Mãe apresenta um desenvolvimento talento para se dirigir à criança que habita em cada um de nós". Portanto, será pertinente explorar como o leitor adulto dos contos de Mãe responde sensivelmente à representação da criança e do mundo infantil, uma vez que a representação da criança toca o adulto, criando um movimento de pensamento na fronteira do material e do semiótico (Bohlmann; Hickey-Moody, 2019, p. 9).

A criança-personagem de Mãe nunca está só; nas palavras de Ann Tsing (2015, p. 28), ela está sempre sendo contaminada por encontros. Observa-se que muitos desses encontros acontecem com outros-mais-que-humanos, o que é sugestivo da perspectiva de estabelecer

parentescos estranhos num devir-recíproco (Haraway, 2016, p. 2, 4). Em *Contos de cães e maus lobos* (doravante *Contos de cães*), as crianças-personagens são retratadas a partir de relações de afetividade e de cuidado para com os animais não humanos (a partir de agora apenas “animais” por uma questão de brevidade). Embora a coletânea *Contos de cães* seja classificada como pertencente à literatura infantojuvenil, os livros possuem apelo maior entre o público jovem e adulto, *vis-à-vis* o estilo elaborado da linguagem, a profundidade dos temas e, sobretudo, o tratamento dispensado às crianças-personagens. Isto diverge das noções tradicionais, as quais tendem a enquadrar e a retratar a criança a partir de uma condição inata de vulnerabilidade, com falta de autonomia e agência.

Focando-se numa leitura dos contos “A menina que carregava bocadinhos”, “O mau lobo”, e “Modo de amar” da coletânea *Contos de cães*, este artigo¹ propõe que a escrita de Mãe opera a partir de uma estética da sensibilidade infantil, a qual desestabiliza concepções tradicionais acerca da criança e da infância ao mesmo tempo que se situa dentro de textualidades emergentes outras-mais-que-humanas, desafiando o pensamento antropocêntrico. A discussão é feita a partir do diálogo com perspectivas teóricas diversas, as quais surgiram nas últimas décadas e que, em maior parte, são incluídas dentro do termo genérico do pensamento pós-moderno, como, por exemplo, a perspectiva pós-humana, os novos materialismos e os estudos multiespécies, *inter alia*. A crítica, incluindo teses de pós-graduação, tem localizado a obra de Mãe a partir dos conceitos da pós-modernidade, em particular o de alteridade (Rech, 2018; Lourenção, 2023; Souza, 2018; Garcia, 2019; Horvat, 2021) para citar alguns estudos. Sem dúvida, são características da obra de Mãe a atenção, o encontro e o cuidado com o outro. Neste artigo, a criança é igualmente compreendida como o outro, e esta perspectiva baseia-se nos apontamentos da acadêmica e educadora Karin Murris (2018), para quem a criança é *o outro* ontológico, uma vez que se supõe que ela não é capaz de escolha apropriada, tampouco de exercer agência moral. Adiante, voltar-se-á às perspectivas de Murris neste artigo para expandir tal conceito. Por conta do caráter interdisciplinar desta reflexão, urge-se, primeiramente e antes de tudo, repassar e contextualizar os estudos acerca da criança e da infância para localizar o debate contemporâneo e convergir as perspectivas vanguardistas, a fim de cultivar possibilidades de se (re)pensar *Contos de cães* a partir da relação de afetividade, bem como do cuidado das suas crianças protagonistas para com animais.

O enfoque adultocêntrico nos estudos das relações humano-animal

Na atualidade, constitui-se quase um axioma dizer que as relações e interdependências entre animais humanos e não humanos são tão significativas quanto as experiências sociais em geral; entretanto, os estudos interdisciplinares acerca das relações humano-animal focam sobretudo no humano adulto, e investigações que privilegiam a relação criança-animal apenas começam a despontar, posto que ainda marginalmente (Tammi *et al.*, 2023, n. p.). Com o advento, nas últimas décadas, da virada ontológica nos estudos interdisciplinares a respeito da criança e da infância, alguns críticos têm chamado a atenção para o fato de que as experiências e perspectivas da criança com e acerca do mundo mais-que-humano podem estar em desacordo com

¹ Parte dos argumentos apresentados neste artigo são abordados e elaborados mais detalhadamente numa monografia em andamento, com data prevista para publicação em 2026.

a maneira como os adultos (incluindo especialistas) geralmente percebem tais interações (Tipper, 2011, p. 153). Ademais, estudos sobre as relações entre crianças e animais são conduzidos separadamente das complexidades da sociedade; sobretudo, ainda são muito recentes as investigações que privilegiam o ponto de vista das crianças (Tammi *et al.*, 2023, n. p.).

Nota-se que é uma tendência contemporânea (re)pensar os estudos em relação à criança e à infância conjuntamente à virada animal, dado que esta última vem se consolidando vigorosamente na última década. Recentes abordagens da virada animal, a rigor, também de caráter interdisciplinar, enxergam o animal a partir de novos termos e sob novas premissas. Este novo foco constitui um afastamento do pensamento tradicional sobre o animal e caminha em direção a tentativas de entender as várias maneiras pelas quais nós, humanos, construímos e somos construídos pelos animais (Wolfe, 2009, p. 566). Segundo Deborah Bird Rose (2011, *apud* Tammi *et al.*, 2023, n. p.), a virada animal está conectada a uma virada ontológica mais ampla, a qual tem sido caracterizada da certeza para a incerteza. Com a virada animal, o humano é deslocado de sua posição de agente exclusivo para o abundante mundo de *co-tornar-se* e para uma variedade de modos de conhecimento, nem todos humanos; surge, então, o campo emergente de estudos multiespécies, que busca desenvolver modos de imersão para melhor abordar e entender os engajamentos entre vários participantes – “espécies” são vistas multiplicando suas formas como associações (Van Dooren *et al.*, 2016, p. 1).

No que diz respeito à arte literária, é sabido que a ficção, através dos tempos, tem se inspirado na infância e na criança, com obras que, de vez em quando, desafiam as percepções tradicionais acerca de ambas. A maneira pela qual a agência da criança, por exemplo, é retratada e compreendida no texto literário, teoricamente, influencia as construções culturais da infância, bem como a maneira como a criança vê a si mesma e sua capacidade de afetar o mundo ao seu redor (Cooper, 2020, p. 464). Igualmente, o animal tem sido, de modo afínco e ao longo dos tempos, figurado em textos literários, embora amiúde como metáfora da condição humana. Nas últimas décadas, entretanto, e de certa forma como uma extensão da virada animal, novas abordagens de análise crítica têm privilegiado textos literários que representam o animal enquanto indivíduo, com certa autonomia, agência, voz, personalidade, ou seja, membro de uma espécie específica e um ser que tem as suas próprias capacidades e limitações (Shapiro e Copeland, 2005, p. 344).

Os estudos interdisciplinares acerca da criança e da infância

Nos últimos anos surgiram novos enfoques e debates acerca dos estudos da criança e da infância, com perspectivas vindas sobretudo do campo da sociologia (Jenks, 1982; Qvortrup, 2009; Corsaro, 1997; Prout, 1990). Sypros (2019, p. 316), ao realizar uma síntese dessas propostas, esclarece que uma mudança de paradigma vem ocorrendo nas ciências sociais e humanas, especialmente devido à virada ontológica, que promete um afastamento do enfoque epistemológico em favor de uma ênfase na reflexão crítica acerca do ser. Nesta nova abordagem, a relacionalidade e a materialidade tornam-se o foco principal das tentativas de compreender o mundo. Dessa forma, a nova sociologia da infância passa a defender, sobretudo nas últimas décadas, o reconhecimento da construção social da infância, bem como o reconhecimento da autonomia e dos direitos das crianças e dos jovens (Tisdal; Punch, 2012, p. 249). Para complementar, Berry Mayall (2002 *apud* Tisdal; Punch, 2012, p. 250) assinala que, na contemporanei-

dade, os estudos interdisciplinares da infância veem as crianças não como objetos passivos de pesquisa, mas como sujeitos ativos.

No campo da educação, Karin Murrís, em seu livro seminal *The Posthuman Child* (2016), rompe com a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. Tal teoria, explica Murrís, categoriza a criança como inerentemente ignorante e incapaz de contribuir para as atividades educacionais. Murrís argumenta que o processo linear de maturação proposto por Piaget é discriminatório, pois aponta a idade adulta como o tempo ideal para a criança se tornar verdadeiramente humana, bem como classifica a criança como consumidora de conhecimento, ao invés de participante. A hegemonia do adultocentrismo inflige à criança o que Murrís chama de injustiça “ontoespistêmica”, ou seja, uma discriminação estrutural e sistêmica, uma vez que se categoriza como adultos apenas aqueles que possuem conhecimento institucional e que, portanto, a criança não merece ser ouvida (Murrís, 2016, p. 69). A perspectiva educacional pós-humanista de Murrís não é apenas crítica da centralidade humana, mas também da centralidade infantil. Murrís procura afastar-se da ideia da criança como agente autônomo. Ao invés disso, privilegia e difunde a ideia da criança enredada em uma imensa rede de forças materiais e discursivas, sempre *intra-agindo* com todo o resto. Claramente, Murrís dialoga com a proposta de “intra-ação” de Karen Barad, quem substitui o termo “interação” por “intra-ação” a fim de propor que agência não é uma propriedade inerente de um indivíduo ou humano a ser exercida e sim um dinamismo de forças em que todas as coisas designadas estão constantemente trocando e difratando, influenciando e trabalhando inseparavelmente (Barad, 2007, p. 141). Com o intuito de ilustrar, Murrís usa um livro de ilustrações, *Little Beauty*, como proposta pedagógica para o ensino fundamental, e explica que:

A difração possibilita a visualização de pares binários em formação; enquanto mapeia os efeitos da diferença. O livro *Little Beauty* estimula indagações sobre os animais humanos bem como os não-humanos; simultaneamente, essas indagações mostram como as crianças se (e)mergem nessas intra-ações ilimitadas como ricas, resilientes e engenhosas. Cada uma das imagens é capaz de provocar uma ampla variedade de pares binários que podem ser problematizados por meio de indagações filosóficas intergeracionais (Murrís, 2016, p. 221, tradução própria).²

Dito de outra forma, o conceito de *intra-ação*, do qual Murrís se apropria para implementar mudanças curriculares na educação básica e que faz parte do campo abrangente denominado de novo materialismo, rejeita o dualismo cartesiano em favor de uma visão não dualista do mundo, e revela-se frutífero tanto no campo da educação quanto para pesquisas afins sobre a infância.

No campo da filosofia contemporânea, a infância é frequentemente pensada não a partir da perspectiva cronológica, mas como uma condição que habita toda pessoa, como um modo de vida (Kohan, 2015, n. p.). Mühlbacher e Sutterlüty (2019, p. 258) rebatem as teorias normativas acerca da emancipação infantil e propõem uma pluralização do critério usado para medir quais orientações de vida, formas de dependência e modos de inserção social podem ser considerados igualmente como promotores de escolhas autônomas, descartando

² “Diffraction makes it possible to see binaries-in-the-making; it maps the effects of difference. *Little Beauty* stimulates enquiries about human animals and nonhuman animals; at the same time, these enquiries show how children (e)merge in these unbounded intra-actions as rich, resilient and resourceful. Each of the pictures can provoke a wide variety of binaries that can be troubled through intergenerational philosophical enquiries”.

possibilidades de universalizar ideias ocidentais sobre o que significa ser autônomo. Esse conceito pluralista de autonomia defende o reconhecimento das diferenças entre crianças e adultos, bem como entre crianças de diferentes origens culturais, classes sociais e assim por diante. Explicam Mühlbacher e Sutterlüty, tal reconhecimento das diferenças não recorre a uma concepção essencialista da infância.

Por fim, há uma série de perspectivas e pesquisas acerca das relações entre crianças e animais que se foca no desdobramento da dicotomia natureza-cultura, muitas das quais são inspiradas pelas propostas da bióloga e cientista Donna Haraway sobre *fazer parentesco com e permanecer com o problema*, cuja posição ético-política tem despertado pesquisas afins. O ponto de vista relacional multiespécie de Haraway afasta-se de visões simplificadas que impõem categorias dualistas para dar margem a se pensar acerca da complexidade da vida compartilhada por crianças e animais de uma maneira mais holística. Olhar para outras espécies a partir de uma ideia de parentesco, como sugere Haraway, deve, da mesma forma, situar as diferenças entre crianças e adultos.

Na literatura, a criança e a infância têm sido fontes de inspiração ao longo do tempo, como mencionado no início deste artigo, mas de forma não fixa nem definitiva. Allan Prout destaca que as forças globalizantes da segunda metade do século XX provocaram mudanças econômicas, sociais e tecnológicas, as quais também contribuíram para a desestabilização da representação da infância como uma categoria coerente e compreensível.

As formas tradicionais de representar a infância no discurso e na imagem já não pareciam adequadas às suas formas emergentes. Novas formas de falar, escrever e imaginar as crianças estão a proporcionar novas formas de as ver... Estas novas representações constroem as crianças como mais ativas, informadas e socialmente participativas do que outros discursos anteriores o faziam. São mais difíceis de orientar, menos dóceis e, por isso, mais problemáticas e preocupantes (Prout, 2005, p. 7, tradução própria).³

Ou seja, a tendência da literatura contemporânea é primar por representações verossímeis da criança, as quais possibilitam localizar infâncias diversas, mesmo que tal ângulo possa vir a ser uma arriscada aventura, como aponta Valter Hugo Mãe no posfácio de *Contos de cães*. Engajando-se numa espécie de autocrítica, o autor confessa que não sabe escrever para crianças, “apenas ausculto a sua candura” (Mãe, 2019, p. 89). Mãe defende que “as crianças entendem o que os adultos já deixaram de entender”, o que contraria, de certa forma, as perspectivas tradicionais da criança como uma eterna aprendiz e num mundo dominado por adultos. Nota-se ainda que o autor não se sente totalmente confortável em ser ele, um adulto, ao construir imaginários infantis, “o trágico de se escrever para os mais novos está na veiculação de princípios éticos, como se lhes ministrássemos um medicamento através do texto” (Mãe, 2019, p. 90). No entanto, e apesar desses paradoxos, Mãe insiste na arte de criar imaginários infantis por ser “muito romântico”, além de querer “melhorar o mundo” e, sobretudo, porque “toda literatura é assim, feita com um sonho qualquer, consumida com outro” (Mãe, 2019, p. 90).

³ “Traditional ways of representing childhood in discourse and in image no longer seemed adequate to its emerging forms. New ways of speaking, writing and imagining children are providing new ways of seeing them... These new representations construct children as more active, knowledgeable and socially participative than other discourses allowed. They are more difficult to manage, less biddable and hence more troublesome and troubling”.

Em *Contos de cães*, nota-se que Mãe cria o imaginário baseado em uma estética da sensibilidade infantil que, em certa medida, é reveladora de alguns aspectos do seu amplo projeto literário. Sensibilidade, primeiramente, conforme o latim tardio *sensibilītas, ātis*, ou seja, sentido, significação. O autor acessa a memória a partir de uma patente relação entre si mesmo (a sua vida) e, no caso, os imaginários infantis de *Contos de cães*, os quais o leitor “com alguma clareza até se conseguirá extrair a imagem de um homem em busca da sua própria infância, do seu recordar de vivência” (Clara, 2016, n. p.). Ora, assim pode-se dizer que com estas histórias Mãe assinala para um projeto pedagógico, que ao invés de ensinar, procura antes observar através das lentes da criança. Eis aí uma espécie de reencantamento do mundo, no sentido de que desafia ideias baseadas em hierarquias. Não escrevendo necessariamente para crianças, escreve a partir delas, do que acredita ser sensibilidades infantis radicalmente diferentes das dos adultos.

No posfácio da coletânea e ao refletir sobre a arte literária, o autor menciona o poder da escrita de ser instrumento de esperança, “se eu tivesse filhos haveria de os empanturrar de sensibilidade e valores porque acredito num mundo assim... espero sinceramente que muita gente coincida na vontade de proporcionar melhor aos filhos” (Mãe, 2019, p. 90). Ou seja, parece que o autor destaca a infância como auspiciosa fonte de aprendizagem, entretanto necessitada de cultivo de valores, inclusive e sobretudo o da leitura. Se é lugar-comum afirmar que a fronteira entre a ficção e a realidade é uma linha tênue, no caso desta coletânea é possível conjecturar que a fronteira entre a sensibilidade infantil como projeto estético nestes contos seletos e a sensibilidade do autor enquanto visão melhorada do mundo é igualmente uma linha tênue. Será mais que isto. Ao agradecer a Mia Couto por ter escrito o prefácio da coletânea e destacar o conto “O menino de água”, Mãe fecha o posfácio dedicando o livro a “todas as pessoas que acreditam que as crianças não se podem perder pela tragédia do mundo que os adultos criam” (Mãe, 2019, p. 90). Será seguro afirmar que o autor percebe a criança como radicalmente diferente do adulto, num estado externo à “tragédia do mundo”, criada pelos outros. Nos contos “A menina que carrega bocadinhos”, “O mau lobo” e “Modo de Amar”, por exemplo, observa-se que Mãe enfatiza as relações afetivas e de cuidado das crianças-protagonistas para com animais a partir de uma estética de sensibilidade infantil, a qual pode ser compreendida conforme os seguintes ângulos: o exercício da imaginação por meio da memória; a elaboração de crianças-personagens que desafiam perspectivas tradicionais de vulnerabilidade, de falta de agência e autonomia; bem como a representação da interação criança-animal assente na relação de afetividade e cuidado, sugestiva da perspectiva do *fazer parentesco com* e do emaranhado multiespécie.

A menina que carregava bocadinhos

A protagonista do conto “A menina que carregava bocadinhos” é uma criança marginalizada, que aos nove anos é adotada por uma família de caráter feudal. A exploração a que é sujeita e a distância da família biológica levam a menina a cuidar “de não se magoar” e “trabalhar sem muitas conversas” enquanto que “escutava ordens e reprimendas” (Mãe, 2019, p. 16). Um dos seus muitos afazeres é levar comida aos cães, os quais vivem “presos ao fundo do campo” (Mãe, 2019, p. 15). Os cães são retratados sem apelo à antropomorfização, a partir de características típicas da espécie canina, “latiam por qualquer ruído, eram zangados, obedeciam

furiosamente aos interesses dos senhores” (Mãe, 2019, p. 15). Confinados e, portanto, agressivos, os cães, explica o narrador onisciente, a princípio “odiaram a menina” (Mãe, 2019, p. 15). Entretanto, a presença constante da criança trazendo-lhes alimento cativaria a matilha de tal forma que um novo bando interespecie se formaria: “Depois, aprenderam a amá-la no modo invariavelmente irritado que tinham de existir. Com o tempo, ela haveria de se sentir uma esquisita irmã dos cães, como eles aprisionada e grata, aprisionada e fiel, o que era diferente de ser feliz ou, sequer, entender a felicidade” (Mãe, 2019, p. 15-16).

Como criança adotada e, portanto, deslocada de sua casa e família, a protagonista do conto sente a necessidade de (re)criar o lar e afetos. Ao compreender que a sua adoção é nada mais que um eufemismo da sua exploração, e por conta da sua condição intrínseca e vulnerável de ser criança, a conexão emocional que a princípio se origina entre ela e os cães dá-se por enxergar-se a si mesma na condição deles: aprisionada e sujeita às vontades da dona casa, como se um animal fora. O seu propósito passa a ser a autolibertação, mas resigna-se à espera do momento apropriado. Nesse ambiente hostil “aprendeu a esquecer-se da sua própria família, para não lhe sentir a falta, para não carregar incompletudes” (Mãe, 2019, p. 16). Na companhia dos cães, a personagem atura os anos que lhe restam até que possa exercer sem restrições a sua autonomia. Por ora, a menina é descrita como um ser cuja agência é retratada a partir da sua capacidade de criar um elo afetivo e de aliança com os cães, lhe permitindo navegar em sua situação de exploração, o que mais tarde impactará também a vida dos cães. Pode-se dizer que os cães exercem o papel de personagens secundários no conto, sendo que a presença deles é fundamental para o desenrolar da narrativa. Os cães são retratados por intermédio de nuances e camadas, incluindo peculiaridades, “era a maneira de expressarem cada coisa, desde o amor à aflição” (Mãe, 2019, p. 15). A narrativa enfatiza a notória característica canina de detectar emoções humanas, pois a interação da menina com os cães progride a partir de uma necessidade de cooperação mútua: ela os alimenta e eles a “ouvem”. Quando as complicações do primeiro amor surgem, a menina confia-se com os cães: “Não era que discutisse a sua vida com os cães, mas fugia porque lhe dava um medo estranho a partir dos sentimentos. Os cães retilavam, que era a maneira de expressarem cada coisa, desde o amor à aflição. Talvez pressentissem na moça uma dúvida qualquer” (Mãe, 2019, p. 22).

Este surgimento de uma família multiespecie ocorre por conta do ato voluntário da menina, enquanto sujeito agente. Portanto, quando o momento e o tempo oportunos surgem, a menina que carregava bocadinhos “soltou os cães”. Os servos da casa, que estavam no átrio para irem à igreja, veem “a moça passar como uma coisa ardendo e os cães sempre rosnando em torno dela. Para dentro da mata e no emaranhado das árvores, justamente para o lado em que ficaria a casa dos seus pais” (Mãe, 2019, p. 23), desaparecem menina e cães.

A autoria das ilustrações de *Contos de cães* da edição brasileira, publicada pela editora Biblioteca Azul, é de Alex Cerveney. Cerveney retrata a menina que carregava bocadinhos à imagem de uma púbere, nua e de braços esticados. De uma das mãos crescem dois galhos, um mirando acima, repleto de folhas, e o outro mirando abaixo, seco. Já a outra mão está toda dentro da boca de um cão, que abocanha o que quer que seja que lhe está sendo dado. No chão, e de pernas para o ar, outro cão boquiaberto mira a cena. Plausível será cogitar que nesta imagem, carregada de simbologia, Cerveney, na condição de ilustrador, mas também de leitor e intérprete do conto de Mãe, replica a perspectiva do emaranhado multiespécies. Ao retratar a menina por meio da ideia de codependência com outras espécies e mesmo reinos – uma de suas mãos suga vida do reino vegetal enquanto que a outra mão, ao alimentar os cães,

representa vidas compartilhadas – a imagem de Cerveney ecoa o processo de *fazer parentesco com*, um processo de autocriação que só pode acontecer coletivamente e colaborativamente.

O mau lobo

Porventura o conto “O mau lobo” é uma versão do conto de fadas “Chapeuzinho vermelho”, escrito pelo francês Charles Perrault aos fins do século XVII, mas cujas origens viriam da tradição oral. Mãe não é o primeiro escritor a recontar e dar uma nova versão a este conto de fadas. Eles Vanessa Kaiser da Silva (2015) em seu estudo acerca da representação do lobo em obras contemporâneas aponta que contos de fadas tradicionais têm sido, ao longo dos tempos, recontados a partir de “novos valores” que tendem a uma “reversão em relação aos perfis estereotipados” e optam por criar “personagens menos maniqueístas”, e que esses novos “recontos”, portanto, operam “desconstruindo, ressignificando e provocando novas relações de sentido” (Silva, 2015, p. 100). O conto “O mau lobo” inicia-se com o movimento da menina-protagonista pela floresta em direção à casa da avó, a quem leva “bolinhos frescos, metidos numa dobra de linho bordado” (Mãe, 2019, p. 65).

Diferentemente da versão tradicional, a floresta neste conto não é estática, servindo apenas de fundo para a trama; a floresta é retratada como um ecossistema completo e orgânico onde comunidades simbióticas florescem, “[P]arecia-lhe que a floresta se fazia de caixa mágica onde o que se acendia e apagava procurava imitar seres de outro mundo. Seres que se mexiam, quase dando passos iguais aos dela” (Mãe, 2019, p. 66). Hamington (2008, p. 211) cogita se Merleau-Pointy estava correto sobre o corpo ser a principal fonte de compreensão, pois a experiência vivida e enraizada na relação corporizada e pré-reflexiva com o mundo é fundamental, precedendo tanto o pensamento abstrato como o conhecimento objetivo. Então, e por extensão, o corpo é também um componente chave para o despertar da empatia e do cuidado. Os passos da menina “pormenorizavam o gigante da floresta” como se o seu corpo estivesse intimamente conectado ao das árvores, plantas e fungi; e assim, “atravessava a floresta como quem testemunha uma longa fantasia” (Mãe, 2019, p. 66). A menina-protagonista, ao atravessar a floresta, sente-a como uma “caixa mágica” onde vidas coexistem à sua. A experiência corporal da menina afeta a sua compreensão da floresta, percebendo esta última como enredada por outras formas de vida. Ademais, a floresta torna-se o *locus* onde o despertar do corpo da menina para a puberdade ocorre, “a menina era como um traço de sangue sagrado que corria pela floresta” (Mãe, 2019, p. 68).

Assim, o conto pode ser lido como um *bildungsroman*, no sentido de uma transformação biológica da menina-protagonista, mas também no impacto de se perceber parte de um ecossistema interconectado e interdependente. Embrenhada nesse equilíbrio osmótico, numa dança com outros – algo como o que Donna Haraway chama de *critters*⁴ – a menina não percebe a presença de uma alcateia. Se na narrativa tradicional, a criança enfrenta um lobo, nesse conto ela depara-se com um bando de lobos. O leitor lembrará que raramente os lobos andam a sós, preferem viver em bandos, sobretudo quando caçam. A narrativa passa a focar numa mãe loba atenta ao filhote “que brincava com as próprias patas”, do cimo de

⁴ Em seu livro *Staying with the Trouble* (2016), Haraway utiliza subversivamente o termo *critters* para fazer referência generalizada a tudo que é vivente.

um rochedo. A menina nota a queda do lobito, “uma inocente criança”, o desespero da “mãe loba” e como os outros lobos se mostram “angustiados”. Num automático gesto de empatia, a menina “entendera que precisava de fazer tudo para curar o lobito, seria a única cura para a sua própria tristeza, para as suas lágrimas” (Mãe, 2019, p. 68).

No conto tradicional, a avó é uma velha vulnerável e frágil, a qual necessita da ajuda da neta para ser retirada do estômago do lobo. Na versão de Mãe, a avó é retratada como sábia, experiente, empática e sobretudo como alguém que tem o poder da cura. A esta avó curandeira e às suas mezinhas, a menina confia a cura do lobito, e sem saber se os animais a entenderiam, resolve comunicar-lhes a sua decisão, “[...] não fiquem tristes. A minha avó traz um milagre de cada gesto” (Mãe, 2019, p. 68).

Assim, o conto “O mau lobo” destaca a menina-protagonista a partir da ênfase ao sentimento de empatia que ela demonstra pelo lobinho caído do penhasco, relembrando o leitor que as crianças crescem ao redor de outros-mais-que-humanos, além de que as relações de afetividade, as quais se desenvolvem para com animais, podem desafiar as ideias do Antropoceno, o que a leva a reconsiderar a agência infantil, apontando para a possibilidade ética das vidas materiais e semioticamente entrelaçadas das crianças e dos animais. O conto ainda destaca a avó a partir da caracterização do cuidado que ela dispensa ao pequeno lobo, ao mesmo tempo que transmite à neta, numa espécie de herança emaranhada, os conhecimentos tradicionais de cura da mulher do campo.

Modo de amar

Narrado poeticamente em primeira pessoa, “Modo de amar” é a história de um menino que queria ter um animal de companhia, mas é dissuadido pela mãe. O conto está dividido em três partes: a primeira e terceira partes apresentam diálogos entre o menino e a progenitora; a segunda parte, a intermediária, é sobre um sonho que o narrador tem. O conflito revela-se logo no início do conto: “Eu queria ter um cão, mas a minha mãe diz que os cães fazem muito barulho a ladrar e que, por vezes, mordem” (Mãe, 2019, p. 63). A mãe ainda diz ao menino-narrador-protagonista que aqueles que têm cães acabam ficando parecidos a esse animal. Com a resposta da mãe, o menino fica “parecido a ter vazios por dentro” (Mãe, 2019, p. 63). Resignado por não poder ter um cão, o narrador arrisca outra espécie e pede um gato, mas a mãe o demove uma vez mais alegando que o gato “larga pelo e afia as unhas nos cortinados”. O narrador explica que “gato quase nem precisa de gente, vive sozinho com o seu nariz”. E sem esperar pela resposta da mãe, pergunta-lhe “e se fosse um peixe? Um coelho? E se fosse um crocodilo bebê?” A mãe responde que “peixes entristecem num aquário” enquanto os coelhos mordem os dedos de quem os tem e que crocodilos bebês, obviamente, crescem muito e são capazes “de te comerem de uma só vez”. Decidida a que o filho não tenha o bicho, a mãe fecha o diálogo dizendo que são todos “um perigo” (Mãe, 2019, p. 64).

O cão será o animal mais retratado na literatura, a quem o ditado popular atribui ser o melhor amigo do homem (*sic*), uma vez que representa lealdade e companheirismo. Não por acaso, nesta coletânea de Mãe, a ênfase em personagens não humanos recai sobre o cão. No conto “Nossa Senhora de Vila do Conde” o narrador, um adolescente, observa que “os cães são milagres abundantes” e que “haveriam de curar tanta tristeza, se as pessoas o soubessem” (Mãe, 2019, p. 81). Se no conto “A menina que carregava bocadinhos”, os cães têm presença

fundamental na narrativa, em “Modo de amar”, o cão que o menino deseja ter é apenas referenciado no primeiro diálogo. Ao opor-se ao filho ter um cão, a mãe apresenta duas justificativas. A primeira refere-se a uma característica fiel da espécie canina: late muito. Já a segunda é uma superstição: “ficamos com a cara parecida com o seu focinho” (Mãe, 2019, p. 63). Nesta altura da narrativa e de acordo com o pensamento tradicional, o papel do adulto (o racional) e o da criança (incapaz de pensamento lógico) são invertidos. O menino refuta a crendice da mãe: “a mim custa-me acreditar, mas é isso que a minha mãe me responde” (Mãe, 2019, p. 63).

A segunda parte do conto narra o sonho do menino e a sensação de estar a ouvir um pintinho (pintainho). Pronto, encontrara a solução; de todos os animais, este não poderia ser um perigo, afinal, pintinhos “não farão mal nenhum, não são violentos, são só bonitos e divertidos, parecem algodões amarelos com olhos e patas minúsculas” (Mãe, 2019, p. 64). Mas, o canto do pássaro leva o narrador a perceber que deve ser mesmo um canário. Acordado confidencia à mãe: “Ouço sempre um pássaro a cantar. Talvez só me cure se aprender a voar”. Ao que a mãe lhe responde: “Quem se vê proibido de amar inventa outra realidade” (Mãe, 2019, p. 64). O conto termina de forma poética. O menino compreendeu que tinha “um pássaro no coração” que era o “lugar mais decente para aprisionar um animal de estimação” (Mãe, 2019, p. 64). Por isso, a ilustração de Cerveney deste conto apresenta uma criatura híbrida: um menino com asas atrás das orelhas e galhos como se fossem chifres. Numa das mãos pousa uma pequena ave, que bem retrata o tom intimista deste conto. Narrado em primeira pessoa, o conto poderá ser um desencadeamento do processo da memória e da sua catálise na escrita. Como o narrador aparece em primeira pessoa, há evidentemente uma aproximação entre autor e personagem. A narrativa será, entretanto, parte de uma memória cultural (talvez mesmo pessoal), fundamentada no constatável fato de tantas crianças, a certa altura de suas infâncias, desejarem um animal de companhia, mas estarem sujeitas à decisão de um adulto, que nem sempre é favorável.

Reflexão final e possibilidades futuras

As duas páginas que configuram a nota do autor no posfácio de *Contos de cães* apresentam, efetivamente, o âmagô para se compreender esta coletânea. O autor, ecoando perspectivas contemporâneas acerca da infância e da criança, declara que “as crianças precisam de não ser vistas como incapazes” (Mãe, 2019, p. 89). A perspectiva pós-moderna em suas diversas abordagens rejeita o essencialismo acerca da infância e privilegia a subjetividade da criança, em sua diversidade. Portanto, oportunou-se, com esta reflexão, (re)examinar a representação da criança em contos seletos de *Contos de cães* de Valter Hugo Mãe, dialogando com os estudos interdisciplinares da infância e da criança, sobretudo com as propostas pós-humanas, os novos materialismos e as propostas multiespécies. Propôs-se nesta reflexão que as relações de afeto e de cuidado que crianças-personagens demonstram para com os animais não humanos na coletânea de Mãe devem ser compreendidas a partir de uma estética de sensibilidade infantil, que será parte do amplo projeto literário do autor e sugestiva da perspectiva de Haraway de *fazer parentesco com* e do emaranhado multiespécie. Sensibilidade, primeiramente e como já dito, como sentido, significação, mas sobretudo como uma rejeição à supremacia do adultocentrismo. Valter Hugo Mãe cria imaginários infantis a partir do acesso à memória, ao mesmo tempo que busca desconstruir perspectivas tradicionais acerca da criança, localizando-a como sujeito central e dentro do emaranhado multiespécie. Longe de ser uma romantização da

infância, tampouco um olhar leviano da relação complexa entre humanos e animais, a coletânea apresenta as complexidades da infância a partir do enfoque na interação entre criança e animal, particularmente a relação de afetividade e cuidado que essa mantém com o último. Os animais, nestes contos, e ainda que apareçam como personagens secundários, têm papel fundamental no desenrolar de cada enredo; são representados a partir das qualidades inerentes a cada espécie, a partir de suas materialidades e como criaturas viventes e sencientes e não como metáforas da condição humana. Nesse sentido, ao enfatizar a materialidade de cada animal, esses contos desafiam perspectivas antropocêntricas. Por isso, uma leitura crítica do animal nesta coletânea deve, inevitavelmente, apontar para um aspecto ético.

No início desta reflexão, foi dito que há lacunas significativas na pesquisa acadêmica acerca da ficção para adultos que tem como personagens crianças e/ou que se preocupam com a infância. Indiscutivelmente, a infância bem como a criança-protagonista são fundamentais nesta coletânea de Mãe; excetuando o conto “Quatro velhos”, os protagonistas dos outros contos da coletânea são crianças. Ademais, a ênfase na relação afetiva e de cuidado da criança para com o animal está igualmente presente em quase todos os outros contos da coletânea (“A menina com alma de galinha”, “O rosto”, “O rapaz que habitava livros”). Nos contos seletos para esta reflexão, percebe-se que Mãe efetivamente desenvolve uma estética de sensibilidade infantil, que assinala uma esperançosa possibilidade de se estar num mundo em crise, inclusive a ontológica. Ao escarafunchar esta intensa potência imaginativa que é a criança, Mãe propõe uma possível maneira, entre tantas, de *permanecer com o problema* (com os problemas na nossa era), que é através do pleno entendimento e cultivo do emaranhado multiespécie. Assim, esta estética da sensibilidade infantil em Mãe pode ser elucidada pelas palavras de Maria Kromidas, ou seja, os contos de Mãe encorajam o leitor a repensar “o próprio humano através da criança e a recuperar o restante do humano numa nova visão do ser humano no mundo” (Kromidas, 2014, p. 427, tradução própria).⁵ Desta forma, Mãe apresenta ao leitor uma possibilidade de reencantamento do mundo, ou mais precisamente, e nas palavras de Mia Couto, “um reencantamento da infância” (Mãe, 2019, p. 9). Indubitavelmente, a coletânea carece de outras abordagens que explorem perspectivas alternativas para alargar a compreensão da representação da criança não apenas nestes contos, mas na obra em geral de Valter Hugo Mãe, um dos escritores portugueses (angolano de nascimento) contemporâneos mais celebrados; efetivamente, o mais lido no Brasil.

Referências

BARAD, Karen. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Durham, N.C.; London: Duke University Press, 2007.

BIRD-ROSE, Deborah. *Wild Dog Dreaming*. Charlottesville; Virginia, USA: University of Virginia Press, 2011.

BOHLMANN, Markus P.J.; HICKEY-MOODY, Anna. *Deleuze and Children*. Edinburgh, Scotland: Edinburgh University Press, 2019.

⁵ “The human itself through the child, and recuperate the human's remainder into a new vision of the human being in the world”.

- CLARA, Pedro Belo. Contos de cães e maus lobos, de Valter Hugo Mãe. *Blog In.verso e Re.verso*, [s. l.], mar. 2016. *Blog*. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2016/03/contos-de-caes-e-maus-lobos-de-valter.html>. Acesso em: 2016.
- COOPER, Ayanni C. H. The Children are (in) the Future. *Science Fiction Studies*, v. 47, n. 3, p. 464-471, nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1353/sfs.2020.0050>.
- CORSARO, William. *The Sociology of Childhood*. Sage Publications, 1997
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *A Thousand Plateaus*. London: Bloomsbury Publishing, 2013.
- DINTER, Sandra. *Childhood in the Contemporary English Novel*. London, England: Routledge, 2022; England: Falmer Press, 1990.
- FARELY, Lisa; SONU, Debbie. Histories and Theories in Childhood Studies. In: HYTTEN, Kathy (ed.). *Oxford Research Encyclopaedia of Education*. New York: Oxford University Press, 2020. [n. p.]. DOI: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264093.013.1419>.
- GARCIA, Sílvia Cristina. *Homens imprudentemente poéticos: alteridade e criação literária em Valter Hugo Mãe*. Orientadora: Vera Bastazin. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em literatura e crítica literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- GARCÍA-GONZÁLEZ, Macarena; DESZCZ-TRYHUBCZAK, Justyna. New Materialist Openings to Children's Literature Studies. *International Research in Children's Literature*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 45-60, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3366/ircl.2020.0327>.
- HAMINGTON, Maurice. Resources for Feminist Care Ethics in Merleau-Ponty's Philosophy of the Body. In: WEISS, Gail. *Intertwinings: Interdisciplinary Encounters with Merleau-Ponty*. United States: State University of New York Press, 2008. p. 203-220.
- HARAWAY, Donna J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham, NC: Duke University Press, 2016.
- HORVAT, Anna I. O princípio de alteridade na procura do sentido da vida. *Studia Romanica et Anglicana Zagrabienia*, [s. l.], v. 66, p. 109-114, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17234/SRAZ.66.9>.
- JENKS, Chris (org.). *Sociology of Childhood: Essential Readings*. Glasgow, Scotland: Harper Collins Distribution Services, 1982.
- KAISER DA SILVA, Elesa Vanessa. Quem tem medo do lobo mau? A representação do lobo em contos e recontos. *Linguagem Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-113, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/lep.v19i1.39894>.
- KEIJ, Daan. The Risks of a Recurring Childhood: Deleuze and Guattari on Becoming-Child and Infantilization. *Educational Philosophy and Theory*, [s. l.], v. 56, n. 3, p. 218-228, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/00131857.2022.2128759>.
- KOHAN, Walter O. Visões de filosofia: infância. *Alea Estudos Neolatinos*, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 216-226, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/172-216>.
- KROMIDAS, Maria. The "Savage" Child and the Nature of Race: Posthuman Interventions from New York City. *Anthropological Theory*, [s. l.], v. 14, n. 4, p. 422-441, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/1463499614552739>.

LOURENÇÃO, Cristiane C. Memória, identidade e alteridade em a máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe. *Revista Desassossego*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 182-196, dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i30p182-196>.

MÃE, Valter Hugo. *Contos de cães e maus lobos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

MÃE, Valter Hugo. *Contra mim*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2020.

MAYALL, Berry. *Towards a Sociology for Childhood: Thinking from Children's Lives*. Maidenhead: Open University Press, 2002.

MÜHLBACHER, Sarah; SUTTERLÜTY, Ferdinand. The Principle of Child Autonomy: A Rationale for the Normative Agenda of Childhood Studies. *Global Studies of Childhood*, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 249-260, ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/2043610619860999>.

MURRIS, Karin. Reconfiguring the Human Through the Child. In: UNIVERSITY of Cape Town. Cidade do Cabo, África do Sul: [s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.news.uct.ac.za/article/-2018-09-07-reconfiguring-the-human-through-the-child>, Acesso em: 20 abr. 2025.

MURRIS, Karin. *The Posthuman Child: Educational Transformation Through Philosophy with Picturebooks*. London, England: Routledge, 2016.

PROUT, Alan. A New Paradigm for the Sociology of Childhood? In: PROUT, Alan; JAMES, Allison (org.). *Constructing and Reconstructing Childhood*. 3. ed. London: Routledge, 2015. p. 6-28.

QVORTRUP, Jens. Are Children Human Beings or Human Becomings?: A Critical Assessment of Outcome Thinking. *Rivista internazionale di scienze sociali*, [s. l.], v. 3, n. 4, p. 631-653, 2009.

RECH, Alessandra. Afetos na Pós-modernidade: uma leitura de “O filho de mil homens”, de Valter Hugo Mãe. *Revista Conexão Letras*, [s. l.], v. 13, n. 20, dez. 201. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.89144>.

SCHWEIGER, Gottfried. Introduction: Ethics of Childhood. *The journal of ethics*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 1-5, fev. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10892-023-09429-6>.

SHAPIRO, Kenneth; COPELLAND, Marion. Toward a Critical Theory of Animal Issues in Fiction. *Society & Animals*, v. 13, n. 4, p. 343-346, dez. 2005. DOI: [10.1163/156853005774653636](https://doi.org/10.1163/156853005774653636).

SOUZA, Ágnes Christiane de. *Percepção de si e alteridade na obra de Valter Hugo Mãe*. Orientador: Ricardo Postal. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em teoria da literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SPYROU, Spyros. An Ontological Turn for Childhood Studies? *Children & society*, [s. l.], v. 33, n. 4, p. 316-323, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/chso.12292>.

TAMMI, Tuure; HOHTI, Riika; RAUTIO, Pauliina. From Child–Animal Relations to Multispecies Assemblages and Other-than-Human Childhoods. *Barn – Forskning om Barn og Barndom i Norden*, v. 41, n. 2-3, p. 140-156, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23865/barn.v41.5475>.

TIPPER, Becky. ‘A Dog who I Know Quite Well’: Everyday Relationships between Children and Animals. *Children's geographies*, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 145-165, 2011. DOI: [10.1080/14733285.2011.562378](https://doi.org/10.1080/14733285.2011.562378).

TISDALL, E. Kay M.; PUNCH, Samantha. Not so ‘New’? Looking Critically at Childhood Studies. *Children's geographies*, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 249-264, 2012. DOI: [10.1080/14733285.2012.693376](https://doi.org/10.1080/14733285.2012.693376).

TSING, Anna L. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2015.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Multispecies Studies: Cultivating Arts of Attentiveness. *Environmental Humanities*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 1-23, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1215/22011919-3527695>.

WOLFE, Cary. Human, all too Human: "Animal Studies" and the Humanities. *PMLA/Publications of the Modern Language Association of America*, [s. l.], v. 124, n. 2, p. 564-575, 2009. DOI:10.1632/pmla.2009.124.2.564.